

# Inflação começa a abalar a economia

ESTADO DE SÃO PAULO

**Preços e juros  
disparam e mudam o  
ritmo da produção  
e das vendas**

11 FEV 1990

A inflação começa a desorganizar a vida do País. Fica cada vez mais difícil para o consumidor saber se os preços estão altos ou não. Um mesmo produto atinge diferenças de até 500% nos preços em pontos diferentes do comércio paulistano. Compras antes corriqueiras transformaram-se, para algumas camadas da população, em verdadeiro investimento. Um bronzeador Sundown, no Eldorado, custa NCz\$ 1.030,00. A loção da mesma marca, usada para retirar o bronzeador, está na faixa de NCz\$ 1.300,00. Um par de tênis Nike custa NCz\$ 3.500,00 no Shopping Ibirapuera. Um do Rainha Stability, NCz\$ 4.690,00, mais de dois salários mínimos.

A verdadeira loucura dos preços pode reservar surpresas maiores até do que a do consumidor que chega à Stut Men e vê o preço de uma camisa de linho Braspérula — NCz\$ 9.325,25. Um purificador de ar Continental, vendido a NCz\$ 4.007,00 à vista, sai por NCz\$ 8 mil em três pagamentos. A surpresa não está, como poderia parecer, nos juros astronômicos de 172% ao mês embutidos na venda parcelada, mas no custo da instalação: NCz\$ 4,5 mil, maior do que o preço à vista.

A economia brasileira não chegou ainda a hiperinflação, mas está perto dela, segundo Roberto Macedo, diretor da Faculdade de Economia e Administração da USP e presidente da Ordem dos Economistas. Algumas empresas, revela Dércio Garcia Munhoz, professor da Universidade de Brasília, começaram, na semana passada, a fixar seus preços sem guardar relação com os custos de produção. Introduziram um chamado "coeficiente de imprevisibilidade" que repercute em cadeia por toda a economia. "Isso é gravíssimo", adverte Munhoz.

"O que segura nossa economia é o sistema de indexação", diz Yoshiaki Nakano, professor de Economia da Fundação Getúlio Vargas, de São Paulo. A indexação, pela qual os valores da economia são corrigidos de acordo com o índice de inflação, dá, porém, os primeiros sinais de exaustão. O risco está na possibilidade de os investidores, desconfiados de que suas aplicações têm rendimento inferior à inflação, passarem a desviar recursos, maciçamente, para a compra de ouro, dólar e produtos em geral.

A ameaça esteve presente na semana passada quando, apesar de o governo pagar juros recordes de 100% ao mês no overnight, as cotações do ouro, do dólar e das bolsas de valores dispararam. Com os juros na casa dos 100% teve início, além disso, uma corrida na qual as empresas procuraram adequar taxas, prazos e preços à nova realidade. "Taxas de juros como essa aceleram a desorganização de preços", afirma Sérgio Coltro, gerente financeiro da Gessy Lever. As empresas trataram de cortar o crédito a clientes e de diminuir as vendas e o ritmo de atividade em geral para reduzir riscos de perdas.

□ Mais informações sobre os preços, nas páginas 4 e 5